

A LIDERANÇA JUDAICO-HELENISTA DE ATOS CAPÍTULO 6

*Jair de Almeida Junior**

RESUMO

Historicamente, os reformados, de forma geral, entendem que os sete eleitos em Atos 6 são diáconos. O principal argumento para isso é a ocorrência do verbo *diakonéo* para descrever a função que o grupo passaria a exercer. Contudo, o mesmo termo é aplicado aos apóstolos como aqueles que, até então, desempenhavam a função que os sete passaram a cumprir. Seria correto, assim, pensar que os apóstolos eram diáconos antes da eleição dos sete? O termo “diácono” não ocorre em Atos 6. Para a correta compreensão do texto é necessário observar o uso deliberado de “doze” para se referir aos apóstolos, e de “sete” para denotar o grupo eleito. Na cultura hebraica, o primeiro era o número do judeu, por causa das tribos de Israel, e o segundo, o do gentio, devido à lista das setenta nações de Gênesis 10. O que motivou a constituição do grupo foi o fato de as viúvas dos judeus helenistas estarem sendo omitidas na assistência diária de alimentos. O que Atos 6 mostra é que os apóstolos constituem uma liderança judaico-helenista para trabalhar com os judeus nascidos fora da Judeia. Todos têm nomes helênicos, sendo que um nem mesmo era judeu. O texto destaca claramente que o Espírito os capacitou para fazer muito mais do que “servir às mesas”, levando-os a pregar com poder e autoridade, realizando sinais e prodígios. Estêvão morreu pregando a judeus helenistas, o que fica claro pela lista das sinagogas listadas. Filipe é visto mais à frente batizando o eunuco etíope, o que também denota algo que difere do ofício diaconal. Soma-se a isso o fato de não haver qualquer referência a presbíteros ou diáconos nas

* Graduado em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição; Mestre em Novo Testamento pelo Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper e em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e em Humanidades pela Universidade de São Paulo. Pós-doutor pela Universidade de Lisboa/Universidade Aberta de Lisboa. Professor na área de Teologia Exegética do Novo Testamento no Seminário José Manoel da Conceição e ministro presbiteriano.

Escrituras antes do concílio de Jerusalém (Atos 15). Conclui-se, portanto, que os sete foram uma liderança judaico-helenista, sujeita aos apóstolos, com a finalidade exclusiva de auxiliar os doze na evangelização e cuidado dos judeus nascidos fora da Judeia, nos primeiros anos da igreja nascente.

PALAVRAS-CHAVE

Igreja nascente; Sete; Doze; Judeus helenistas; Liderança; Diaconato.

INTRODUÇÃO

Especialmente nos meios reformados, tornou-se tradicional entender a eleição promovida pelos apóstolos em Atos 6 como a origem do ofício diaconal. Embora tal função realmente viesse a existir na formação da igreja neotestamentária, certamente não foi nesse momento que tal se deu. Observando com atenção o texto sagrado, percebemos claramente que se tratou de uma liderança judaico-helenista da igreja de Jerusalém para lidar especificamente com os cristãos judeus-helenistas. Não se tratou, de forma alguma, da constituição de uma liderança paralela, em pé de igualdade com os apóstolos, mas auxiliar, submissa e subsidiária a eles.

1. ATOS: RUMO AOS GENTIOS

Para entendermos a eleição dos sete de Atos 6 é importante, primeiramente, compreender o objetivo do livro como um todo. Atos é o segundo volume de uma única obra, da qual o evangelho de Lucas é o tomo inaugural. Isso fica claro por duas evidências internas dos livros que se destacam. A primeira vem do próprio texto, especificamente quanto ao seu *destinatário*. Lucas apresenta-se como uma espécie de *historiador* da igreja primitiva, começando por sua “pedra angular” que é Jesus Cristo. No primeiro livro afirma o autor:

Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem, para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído (Lc 1.1-4).

Teófilo é o mesmo a quem Lucas dedica o segundo livro:

Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo, relatando todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar, até o dia em que, depois de haver dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera, foi elevado às alturas (At 1.1, 2).

É possível que Teófilo (gr. “amigo de Deus”) fosse um convertido do mundo gentílico, talvez alguém que até mesmo tenha patrocinado as pesquisas de

Lucas. Se foi esse o caso, era homem de posses. A ideia, sugerida por alguns, de que Teófilo tenha sido um destinatário fictício, uma figura criada por Lucas para *representar* todos os crentes ou a própria igreja, é mais que fantasiosa e carece de base bíblica e documental. Reconhecendo Teófilo como um crente *de carne e osso*, o fato de oferecer-lhe os dois livros, ainda mais pela utilização da expressão “relatando as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar” (At 1.1) evidencia clara conexão com o primeiro livro, sendo o segundo *aquilo que Jesus continuou a fazer e a ensinar*. As primeiras palavras de Atos vão além de mera introdução: são verdadeira transição em relação ao Evangelho de Lucas.

A segunda evidência da unidade de Lucas/Atos vem da gramática grega. Os termos inaugurais de Atos sugerem uma obra em dois volumes. Ao dizer: “Escrevi o primeiro livro”, o termo traduzido por “primeiro” (gr. πρῶτον) é um advérbio que tem como sentido básico “primeiro”, “em primeiro”, “em primeira instância”, “anterior”.¹ Na opinião de Darrell L. Bock, a expressão grega πρῶτον λόγον, usada por Lucas para referir-se ao seu primeiro livro, deve ser entendida como “tratado anterior”, reconhecendo πρῶτον com o sentido daquilo que veio antes.² Dessa forma, entende-se que Lucas quer dizer que Atos é o segundo de um primeiro livro previamente escrito.³ Não está fazendo apenas uma referência à obra anterior, mas ligando os dois volumes como uma única obra. Destarte, ao escrever e dedicar a obra a um convertido dentre os gentios, Lucas está contando como o povo de Deus se tornou *gentio*. A história que ele registra objetiva demonstrar que a igreja fundamentada em Cristo é inter e multinacional, eminentemente gentílica. A distinção entre judeu e gentio passa a ser apenas cultural. Todos foram nivelados como *gentios* para que o método de salvação seja o mesmo (Rm 11.32).

É Lucas quem registra no segundo tomo de sua obra o derramamento do Espírito. Por que o faz? Geralmente analisa-se este fato quase que exclusivamente enfatizando a capacitação para o estabelecimento e o exercício da igreja na plenitude do Espírito. Todavia, não se deve menosprezar ou esquecer a publicação das grandezas de Deus nas línguas dos povos. Claramente isso é verdade central ao objetivo de Lucas com essa narrativa. A descida do Espírito é Deus dizendo que sua igreja é gentílica, é internacional, que não há mais distinção entre povos. Esse foi o motivo de os apóstolos falarem em mais de uma dezena de línguas conhecidas da época:

Somos partos, medos, elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judeia, Capadócia, Ponto e Ásia, da Frígia, da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas

¹ Cf. KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (Eds.). *Theological Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1978, v. VI, p. 868.

² Cf. BOCK, Darrell L. “Acts”. In: *Baker Exegetical Commentary on the New Testament*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2007, p. 51.

³ Cf. KISTEMAKER, Simon. *Atos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, v. 2, p. 8.

imediações de Cirene, e romanos que aqui residem, tanto judeus como prosélitos, cretenses e arábios. Como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus? (At 2.9-11).

Corroborando o que temos dito, no capítulo 4 de Atos, Lucas também deixa claro que os judeus se tornaram gentios. Logo depois de Pedro e João terem sido soltos pelo Sinédrio, em meio a um discurso inflamado cita-se o Antigo Testamento:

Por que se enfurecem os gentios, e os povos imaginam coisas vãs? Levantaram-se os reis da terra, e as autoridades ajuntaram-se a uma contra o Senhor e contra o seu Ungido; porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel (At 4.25b-28).

O que está em itálico no texto transcrito é uma citação do Salmo 2, que tem como tema a revolta da humanidade contra Deus e o seu Cristo. A expressão “gente de Israel” refere-se ao povo da antiga aliança. Eles se juntaram aos gentios e são todos nivelados como “gentios” e “povos”. Portanto, Atos é o livro que fala da igreja que se espalha pelo mundo. A igreja não é judaica. Chegou a vez dos gentios – todos são gentios.

2. O PROBLEMA: A DISTRIBUIÇÃO DIÁRIA

Deve ser salientado, conforme explica Merrill C. Tenney, que a igreja primitiva, no ambiente de seu nascimento, estava longe de ser algo altamente estruturado e organizado. Basicamente, devido à presença dos apóstolos, estes eram naturalmente os seus líderes. No entanto, percebe-se que havia algum espírito democrático, como a própria escolha dos “sete” demonstra. Por causa da necessidade dos doze de se dedicarem principalmente ao ensino e à pregação do evangelho, era indispensável delegar a responsabilidade da assistência aos necessitados a um grupo capacitado, que deveria ser escolhido pela própria igreja.⁴ Ao repassar a responsabilidade, isso não significa que os apóstolos deixaram de estar supervisionando esse trabalho, aliás, como faziam com tudo o que dizia respeito à igreja.

É fato que havia a distribuição diária de alimentos às viúvas, verdadeiramente viúvas, na igreja de Jerusalém. Era uma prática comum dos judeus de Jerusalém sustentar as mulheres idosas que não tinham nenhuma fonte de sustento, o que em geral decorria da viuvez e de não ter filhos. Esta louvável prática foi absorvida naturalmente pelos primeiros judeus cristãos, logo que a igreja se estabeleceu. Vemos essa realidade anunciada implicitamente no primeiro verso de nosso texto: “Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número

⁴ TENNEY, Merrill C. *O Novo Testamento: sua origem e análise*. São Paulo: Shedd, 2008, p. 252-253.

dos discípulos, houve murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária” (At 6.1). Uma grande questão que se levanta e deve ser compreendida é: quem organizava tal distribuição? Em época tão inicial da igreja, certamente os apóstolos estavam envolvidos nessa obra. Lembremos ainda que havia apenas aquela igreja, o que não justificaria, em período tão inicial, a inclusão de mais irmãos na liderança, além dos doze. Não havia ainda liderança constituída desdobrada na forma de presbíteros e diáconos. Isso ocorreu apenas bom tempo depois. Uma vez que os apóstolos estavam envolvidos nesse episódio, isso talvez seja uma indicação do texto sobre a indigesta recepção dos povos gentílicos na igreja, algo que só aconteceu depois do testemunho ocular de Pedro, presenciando o derramamento do Espírito Santo também sobre os gentios, na casa de Cornélio.

A liderança apostólica de Jerusalém mostrou-se tão alarmada com este fato, a ponto de Pedro ser chamado para prestar esclarecimentos dos seus atos (At 10.44ss; 11.1ss). Embora as viúvas “esquecidas” na distribuição diária fossem igualmente judias, eram helenistas, isto é, nascidas fora da Judéia. Bem sabemos como um judeu “da gema” considerava o judeu helenista. Natanael, possivelmente o apóstolo Bartolomeu, ao ouvir de Filipe que havia encontrado aquele de quem Moisés havia falado, mas era chamado “nazareno”, prontamente disse: “De Nazaré pode sair alguma coisa boa?” (Jo 1.46). Consideremos que a Galileia fazia parte do antigo território de Israel. Contudo, ainda assim, os galileus eram tidos como judeus de segunda categoria, mesma concepção com relação aos judeus helenistas. A Judeia era revestida de um caráter místico no imaginário dos judeus da época de Jesus. Se fossem obrigados a sair do território da Judeia por qualquer motivo, ao cruzar de retorno à fronteira, sacudiam suas vestes para não carregar nem mesmo o pó da terra dos incircuncisos. Problemas quanto à harmonia do grupo cristão foram tratados por Lucas com alguma discricção, mostrando que gradativamente foram surgindo, sempre com a imediata intervenção apostólica: “Assim, em Atos, quando os helenistas se queixam da negligência de suas viúvas nas distribuições caritativas da igreja, os apóstolos escolhem uma comissão de sete homens do grupo helenista a fim de supervisionar essa distribuição”.⁵

Quando os apóstolos escolhem os sete, é importante que se diga, não estão passando a eles a assistência das viúvas como um todo. Primeiramente, já vimos que os apóstolos necessariamente estavam envolvidos na organização da distribuição, uma vez que não havia ainda liderança constituída. Todavia, quando afirmam explicitamente: “Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas” (v. 2), não devemos entender que estão meramente delegando a função. O acréscimo de viúvas helenistas estava ab-

⁵ BORING, M. Eugene. *Introdução ao Novo Testamento*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2016, v. 1, p. 278.

sorvendo tempo e atenção excessivos dos apóstolos. Possivelmente, o que eles quiseram dizer é que precisavam dividir esse serviço para que não mudassem de foco no ministério, passando da centralidade da Palavra para assistência social. Certamente, não eram adeptos da “Missão Integral”. Provavelmente os apóstolos continuaram a coordenar a assistência às viúvas da Judeia. Transparece que reconheceram que a “operação” da igreja estava se tornando mais complexa e chegou a hora de desdobrar algumas funções, uma vez que a pregação da Palavra era algo central à vocação apostólica, e disso não abririam mão. Todavia, será que estavam, então, congregando todas as viúvas, judias e helenistas, para serem cuidadas pelos sete? Duas coisas podem ser percebidas no texto. A primeira é que o episódio claramente se refere à especificação das viúvas helenistas. A atitude dos apóstolos vai ao encontro da necessidade de suprir as viúvas omitidas na distribuição diária. Em linha com a concepção dos judeus da época, a administração da igreja também distinguia os judeus da Judeia dos judeus helenistas. Mesmo em Jerusalém havia várias sinagogas de judeus helenistas, dentre as quais são citadas as dos libertos, dos cireneos, dos alexandrinos, dos da Cilícia e da Ásia (At 6.9). Aparentemente, incentivada pela má vontade dos judeus da Judeia para com os judeus de fora, a situação se acomodou com a organização de sinagogas de judeus helenistas, e tal divisão passou a ser marcante na própria organização do povo. Portanto, os apóstolos em Jerusalém naturalmente agiram respeitando essa divisão “administrativa”, sem reconhecer nisso qualquer erro. É até mesmo possível que o texto se refira exatamente a tal “administração”. Se entendermos que a distribuição diária acontecia para um único grupo de viúvas formado por mulheres da Judeia e helenistas, então se praticava discriminação escancarada. Assim, ao saberem que a viúva era nascida fora da Judeia, não a consideravam na distribuição. Contudo, se entendermos que havia dois grupos distintos a serem atendidos, o das viúvas de judeus da Judeia e o das viúvas dos helenistas, é possível que, então, priorizassem o atendimento das primeiras em detrimento das segundas, o que nos parece uma compreensão mais razoável.

Consideremos, também, que “dinheiro não é o problema”. Lucas nos conta que muitos irmãos venderam suas propriedades para compor um fundo de assistência coletiva, que era administrado exatamente pelos apóstolos (At 4.34s). Segundo o que vemos no texto, não havia necessitados na igreja. Ainda que não fosse estritamente para isso, é difícil de acreditar que não usariam esse fundo para a manutenção das viúvas. Tiago, o grande líder da igreja de Jerusalém ao lado de Pedro, afirma que “a religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo” (Tg 1.27). Chama-nos a atenção que o problema relatado no capítulo 6 não é de falta de recursos, mas de “omissão”.

Destarte, os sete foram escolhidos e nomeados para tratar do grupo que estava sendo “esquecido” na distribuição diária, e não de todo o grupo de viúvas,

o que incluiria as da Judeia. Contudo, eles colocaram a mão na massa, ou sua responsabilidade era apenas organizar a distribuição? Certamente, a segunda possibilidade. É sabido que viúvas de todo o Império Romano concorriam a Jerusalém se ficavam sem sustento, por saber que lá se praticava a distribuição diária. Quando consideramos isso, percebemos que é possível que houvesse uma maioria expressiva de viúvas helenistas, superando aquelas nascidas na Judeia. Sabemos que apenas no Pentecostes foram convertidas cerca de três mil pessoas. Ao falar de como era o cotidiano destes cristãos, afirma-se que havia acréscimo diário de pessoas (At 2.47). Nas primeiras “atualizações” feitas por Lucas da situação da igreja, trechos de Atos que informam o seu progresso, fala-se da “multidão dos que creram” e que a igreja crescia diariamente. Tarefa impossível é medir a proporção do crescimento de discípulas entre os grupos de viúvas. Contudo, o mais sensato é concluir que, a exemplo dos apóstolos, que eram aqueles que administravam os recursos financeiros, também os sete se tornaram administradores da distribuição diária, não necessariamente os seus executores diretos. Comprova isso o fato de Estêvão ser pregador da Palavra aos judeus helenistas de Jerusalém e Filipe um evangelista itinerante na região.

3. A CONSTITUIÇÃO DE UMA LIDERANÇA HELENISTA

É isso o que ocorre em Atos 6. Ao associar os *sete* a diáconos, além de desconsiderar as evidências textuais, esvazia-se o texto de seu significado principal. F. F. Bruce é claro e certo quando afirma que as referências a *διακονεῖν* e a *διακονία* nos versos 1 e 4 não contêm qualquer sentido estrito ou técnico. Não são chamados *διάκονοι*, embora fossem “servos” em sentido lato. Reconhece ser injustificado anacronismo utilizar expressões que assumiram contornos e sentidos eclesiais posteriores a personagens e condições da igreja nascente: “O NT não tem, falando-se de forma geral, qualquer vocabulário técnico para funções nas igrejas...”.⁶ O que fazem os apóstolos ali é constituir uma liderança judaico-helenista para lidar com as questões relativas aos helenistas. Dessa forma: Por que o número sete? É sabido que o judeu acreditava que era o número que representava o gentio, assim como o doze era representativo dos judeus. Acredita-se que o sete esteja relacionado com as setenta nações descritas em Gênesis 10. Dos sete escolhidos, todos têm nomes gregos, sendo que um deles, Nicanor, nem mesmo judeu era, mas prosélito de Antioquia. Apesar de receberem a imposição de mãos dos apóstolos, são reconhecidos como já possuidores do Espírito Santo. Na opinião de Marshall, o provável paralelo com o Antigo Testamento (Nm 27.16, 18, 23), com a nomeação de Josué, “confirma que se trata de uma concessão de autoridade a pessoas que já possuem o Espírito (6.3,5), não uma concessão do Espírito”.⁷

⁶ BRUCE, F. F. *The Acts of the Apostles*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1986, p. 152.

⁷ MARSHALL, I. Howard. “Atos”. In: *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 695.

A função dos sete certamente não se limitou à assistência às viúvas helenistas. Segundo Tenney, Estêvão, que foi o primeiro mártir do cristianismo, era um judeu helenista e foi grande apologista da igreja nascente. Possivelmente, diz o autor, sua vinda a Jerusalém deveu-se a uma peregrinação, tendo permanecido na cidade após sua conversão. Era debatedor nas sinagogas estrangeiras e seu trabalho não se limitou às atividades de cunho social.⁸ É importante observar, portanto, que ele não foi morto por *estar servindo às mesas*. Pelo contrário, foi pregar a judeus helenistas que estavam em trânsito ou estacionados em Jerusalém. Seu público alvo foi descrito por Lucas como sendo inteiramente judaico helenista. A lista das sinagogas dos que contenderam com ele era: dos Libertos, dos Cireneus, dos alexandrinos e dos da Cilícia e Ásia (At. 6.9). Uma vez constituído na liderança judaico-helenista, Estêvão começou sua obra de pregação da Palavra. Saulo de Tarso, na Cilícia, estava presente, certamente também ligado à sinagoga da cidade, e serviu de autoridade que legitimou diante do judaísmo o apedrejamento de Estêvão (At 7.58).

De igual modo, Filipe não ficou limitado ao serviço assistencial. Assim como Estêvão, saiu a pregar Jesus Cristo. Evangelizou a Samaria (At 8.4-8) e um eunuco etíope, portanto gentio, feito prosélito do judaísmo (At 8.26ss). Assim como o paradeiro da grande maioria dos apóstolos não é referido nas Escrituras, apenas dois dos sete têm suas atividades registradas. Na sequência da narrativa de Lucas, depois da morte de Estêvão, da evangelização da Samaria e de um alto oficial da rainha Candace da Etiópia, há a conversão de Saulo, aquele que seria o apóstolo dos gentios. É importante que se saiba que o número de doze apóstolos foi mantido por Deus até o início da evangelização mais efetiva do mundo gentílico. Embora tecnicamente Judas nunca tenha sido um apóstolo, pois não foi enviado para a implantação da igreja após a morte e ressurreição de Cristo e nem crente era, foi chamado para compor o colégio apostólico que se preparava para a grande obra. A morte do traidor abriu vacância que os apóstolos entenderam que precisava ser preenchida. Dessa forma, Matias foi escolhido (At 1.15ss).

O número foi mantido em doze. Contudo, no capítulo 12, texto que prepara a ascensão de Paulo ao apostolado, o apóstolo Tiago é martirizado por ordem de Herodes. De novo, a vacância deixada por ele é preenchida, agora por Paulo, mantendo-se o número dos apóstolos em doze. Não houve nenhum período em que a igreja contasse com treze apóstolos. Certamente, reconhecer o que está explicitamente registrado nas Escrituras não implica que há “sucessão apostólica”, como afirma a Igreja Católica Romana, base para o papado. Não há evidência bíblica para isso. Além disso, apesar da falta de evidência, para que fosse coerente a suposta doutrina, deveria haver a sucessão dos doze

⁸ Cf. TENNEY, *O Novo Testamento*, p. 253.

apóstolos, não apenas de um. Todavia, o que as Escrituras mostram com clareza é, unicamente, que o número de doze apóstolos foi mantido até o início da evangelização do mundo gentílico por Paulo, não havendo evidência bíblica ou histórica que mostre *substituição* em período posterior.

O mundo gentílico também atraiu a atenção de outros apóstolos. Há evidências históricas suficientes para sabermos que Pedro esteve em Roma. Aliás, talvez a hipótese mais convincente da composição do Evangelho de Marcos tenha sido o registro, por parte de João Marcos, das palavras de Pedro à igreja de Roma, que seguramente não foi fundada por qualquer apóstolo. Acredita-se que a própria morte de Pedro se deu em Roma, sob o reinado de Nero. Outro que trabalhou no mundo gentílico foi o apóstolo João. Não é por acaso que ele endereça o livro do Apocalipse às sete igrejas da Ásia Menor: ele havia visitado aquelas igrejas antes de ser preso e exilado na ilha de Patmos. Isso mostra que os apóstolos entenderam que a igreja era mundial, segundo o itinerário que o próprio Cristo definiu – “até os confins da terra” (At 1.8). Dessa forma, o Espírito Santo acompanha e viabiliza o crescimento da igreja em sua expansão. É derramado em Jerusalém, cumprindo a profecia de Joel, inaugurando os últimos dias (Atos 2). Depois, foi derramado entre os samaritanos (At 8.17), entre os gentios na casa de Cornélio (At 10.44-48) e em Éfeso, sobre judeus helenistas discípulos de João Batista (At 19.1-7).

O termo grego “diácono” (gr. *διάκονος*) nem mesmo ocorre em Atos 6. Os sete escolhidos nunca são chamados de *diakonoi* no texto.⁹ Os que defendem que os sete eram diáconos veem-se obrigados a recorrer à ocorrência do verbo *διακονέω* (servir) no verso 2. Todavia, no verso quatro, os apóstolos referiram-se ao próprio ofício deles como “a *diaconia* da palavra” (gr. *τῆ διακονία τοῦ λόγου*). Ora, se os sete eram diáconos pela simples referência ao verbo *diakonéō*, os apóstolos mais ainda, por praticarem algo que é chamado explicitamente de “*diaconia*”. Outra possibilidade, nessa linha de raciocínio, é que tanto os sete quanto os doze fariam a mesma coisa, isto é, pregariam a Palavra e continuariam organizando a distribuição diária. Fato interessante é que a justificativa dos apóstolos para a eleição dos sete é que não poderiam abandonar a pregação da Palavra para servir às mesas, mas os sete não só serviam as mesas como pregavam a Palavra. Isto sugere que houve não uma divisão de trabalho, mas uma especificação do grupo, para que os sete e os doze trabalhassem tanto no alimento espiritual quanto no físico. Corrobora essa argumentação a obra de evangelização que os *sete* realizavam, como ilustrada em Filipe. Ele foi ordenado para servir as mesas. Se não o fazia, estava em franca desobediência a Deus e aos apóstolos. Pior: o Espírito Santo era seu “cúmplice”, pois até mesmo o trasladou para lugar específico. É razoável pen-

⁹ STOTT, John. *A mensagem de Atos*. 2ª ed. São Paulo: ABU Editora, 2008, p. 134.

sar, como temos argumentado, que tanto os sete quanto os doze continuaram a organizar a distribuição diária, delegando responsabilidades.

São dignas de nota algumas ocorrências selecionadas por Lucas e aplicadas apenas aos *sete* nesse contexto. O primeiro mártir do cristianismo é Estêvão, um dos sete e judeu helenista, não um apóstolo. Ele confrontou o Sinédrio e acusou-o de resistir ao Espírito Santo.

Nesse aspecto Estêvão é uma personagem central. Personagem carismático que atraía um número considerável de seguidores. Estêvão foi falsamente acusado de falar contra o templo e a lei (6.8-15). Quando levado perante o Sinédrio para responder a acusações sobre o seu ensino, Estêvão utiliza um esboço da história de Israel para sugerir que a revelação divina não pode se restringir a um único local e para acusar os próprios membros do Sinédrio de resistirem ao Espírito Santo (7.1-53). Uma acusação tão ousada não fica sem resposta: é condenado a ser apedrejado.¹⁰

Além disso, Lucas mostra os demônios submetendo-se a Filipe quando evangelizava Samaria. Soma-se a isso a sinergia anjos/Espírito Santo na condução do ministério desse integrante dos *sete*, levando-o a evangelizar o eunuco etíope, bem como trasladando-o depois para Azoto, de onde prossegue sua obra de pregação do evangelho por toda a região até alcançar Cesareia (At 8.26, 39, 40). Digno de nota é que, se os sete eram *diáconos*, então o ofício diaconal é idêntico ou até mais “dinâmico” que o dos presbíteros, incluindo certa itinerância que extrapola, em muito, os limites da igreja local. Até Atos 6, temos:

Os Doze	Os Sete
Receberam o Espírito	Eram cheios do Espírito (6.3; 7.55; 8.39).
Realizavam sinais	Realizavam sinais (6.8; 8.6) – os espíritos malignos se submetiam a Filipe
Batizavam	Batizavam (Filipe – 8.38)
Pregavam a Palavra	Pregavam a Palavra (7.1ss; 8.5, 26ss)
-----	Trasladação pelo Espírito do Senhor (Filipe – 8.39)
Manifestação de anjos até a ascensão de Cristo	Revelação de anjos (Filipe – 8.26)
Pedro, Tiago e João no monte da transfiguração, no ministério de Cristo	Visão do Cristo glorificado (Estêvão – 7.56)

¹⁰ Cf. CARSON, D. A. *et al. Introdução ao Novo Testamento*: São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 205.

É importante dizer que o estabelecimento de uma liderança judaico-helenista não rivalizaria com a liderança dos doze. Toda a autoridade do Novo Testamento repousa sobre os apóstolos de Jesus Cristo, não nos profetas do Novo Testamento e muito menos na liderança judaico-helenista. Conquanto o pré-requisito básico para ser um dos sete era *ser cheio do Espírito Santo e sabedoria* (6. 3), algo que é aplicado a Estêvão do ponto de vista fenomenológico: “Estêvão, cheio de graça e poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo” (6. 8), não podiam distribuir o Espírito Santo. Embora tenha sido Filipe aquele que evangelizou Samaria, pregando a Palavra com poder e produzindo muitos sinais, Pedro e João foram para lá enviados a fim de que os samaritanos recebessem o Espírito (At 8.14ss). Os apóstolos foram testemunhas oculares de Jesus Cristo, receberam a incumbência de fundar a igreja, distribuíam o Espírito e eram a única fonte de material canônico do Novo Testamento. A liderança helenista é incrementada e completada quando Paulo assume o apostolado. Agora o trabalho gentílico estava ainda mais integrado à liderança apostólica quando um apóstolo judaico-helenista ocupa seu lugar entre os doze, como já vimos. Digno de nota é que Paulo tinha como alvo buscar evangelizar primeiramente os judeus helenistas das cidades onde chegava. Sempre ia a uma sinagoga em primeiro lugar, depois aos nativos. Daí dizer: “Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego” (Rm 1.16).

CONCLUSÃO

Atos é a continuação do Evangelho de Lucas, mostrando que a igreja, que tem como pedra angular um Cristo judeu, é eminentemente gentílica. Ela parte da Judeia para o mundo. A escolha dos sete é central no Livro de Atos, evento que começa a mostrar qual seria a realidade da igreja: mundial, internacional e multinacional.

Pode ser que esse ofício seja um precursor daquilo que seria o diaconato posterior. Portanto, o que se percebe não é competição ou rivalidade entre a liderança apostólica e a judaico-helenista, mas cooperação, sendo esta auxiliar daquela. Assim, como vimos, ladeando os doze com os sete, percebemos que eram cheios do Espírito, produziam sinais, pregavam com poder e autoridade, e batizavam. Além disso, Estêvão teve uma visão do Cristo glorificado à destra de Deus e Filipe foi conduzido por um anjo,¹¹ por meio de revelação, que lhe ordenou pregar a um oficial da rainha do Sul e foi trasladado pelo Espírito imediatamente após cumprir sua tarefa, trasladado pelo poder de Deus. Dessa forma, acreditamos ser indiscutível que os sete escolhidos em Atos 6 eram uma liderança judaico-helenista cristã com habilidades extraordinárias para auxi-

¹¹ Cf. Ibid.

liar os apóstolos e em submissão a eles. Com a incorporação de um apóstolo judaico-helenista ao grupo dos doze, a obra de evangelização judaico-helenista toma grande impulso.

ABSTRACT

Historically, Reformed circles generally understand that the seven elected in Acts chapter 6 are deacons. The main argument for this is the occurrence of the verb *diakoneo* describing the function that the group would perform. However, the same term is applied to the apostles as those who hitherto performed the function which the seven came to fulfill. Is it correct, then, to think that the apostles were deacons before the election of the seven? The term “deacon” does not occur in Acts 6. For the correct understanding of the text it is necessary to note the deliberate use of “twelve” to refer to the apostles and “seven” to denote the elected group. In Hebrew culture, the first was the number of the Jew, because of the tribes of Israel, and the second, the Gentile, because of the list of seventy nations in Genesis 10. What motivated the constitution of the group was the fact that the widows of the Hellenistic Jews were being omitted in daily food assistance. What Acts 6 shows is that the apostles establish a Judeo-Hellenistic leadership to work with Jews born outside of Judea. They all have Hellenic names, and one of them was not even Jewish. The text clearly emphasizes that the Spirit enabled them to do much more than “serve the tables,” leading them to preach with power and authority, performing signs and wonders. Stephen died preaching to Hellenistic Jews, which is clear from the synagogues listed. Philip is seen later baptizing the Ethiopian eunuch, which also denotes something that differs from the diaconal office. Added to this is the fact that there is no reference to elders or deacons in the Scriptures before the Jerusalem Council (Acts 15). It follows, therefore, that the seven were a Jewish-Hellenistic leadership, subject to the apostles, for the sole purpose of assisting the twelve in the evangelization and care of Jews born out of Judea in the early years of the nascent church.

KEYWORDS

Early church; Seven; Twelve; Hellenistic Jews; Leadership; Diaconate.